

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



**Porto de Chancay e Canal do
Panamá: o futuro do comércio
marítimo global**

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 216 • 31 de Julho de 2025

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Porto de Chancay](#)

Por: Ministério do Comércio Exterior e Turismo do Peru

Fonte: Flickr

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Leite Cypriano Neves

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) José Luiz Ferreira Canela

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) William de Sousa Moreira (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (EGN)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Kenzo Brites Yamaguti (UFRJ)

REVISÃO E TRADUÇÃO

Mancy Mylene Soares Sant'Ana (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Gabriel Francisco Castro Aguiar (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Kenzo Brites Yamaguti (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UERJ)
Matheus Moreira Alves (UERJ)
Rafaela Marinho Gonzalez Machado (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Guilherme Demmer Knippenberg (UFSC)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Maria Fernanda Santos Kerr (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Júlia Santos Soares (UFRJ)
Kaíke Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFF)
Rafael de Oliveira Maciel (UnB)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)
Yasmim Abril Monteiro Reis (San Tiago Dantas)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Nathália Magalhães Macedo (UFRJ)

EUROPA

Amanda Maciel Fraga Montoiro (UFRJ)
Emerson Luiz Bento dos Santos (UFRJ)
Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Lucas Salles Python Macedo (UFRJ)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Júlia Monteiro Mello Fróes e Silva (Unilasalle-RJ)
Maria Carvalho Pinto Puccetti (UFRJ)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Nina de Almeida Bonifacio Pereira (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFSC)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Eduardo El-Hader Fantini (UERJ)
João Gabriel Fischer Moraes Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UNIRIO)

RÚSSIA & EX-URSS

Anna Laura Silveira Lengruber (UFRJ)
Gastão Menescal Carneiro Neto (Unilasalle - RJ)
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (FGV)
Marcelle Torres Alves Okuno (UERJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Rafael Prisco Cabral (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (EGN)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (PUC-Rio)
Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri Oliveira Mendes (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)

TEMAS ESPECIAIS

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Gabriel Mendes Andrade (UERJ)
Maria Elena Andrade Barbosa (EFOMM)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)

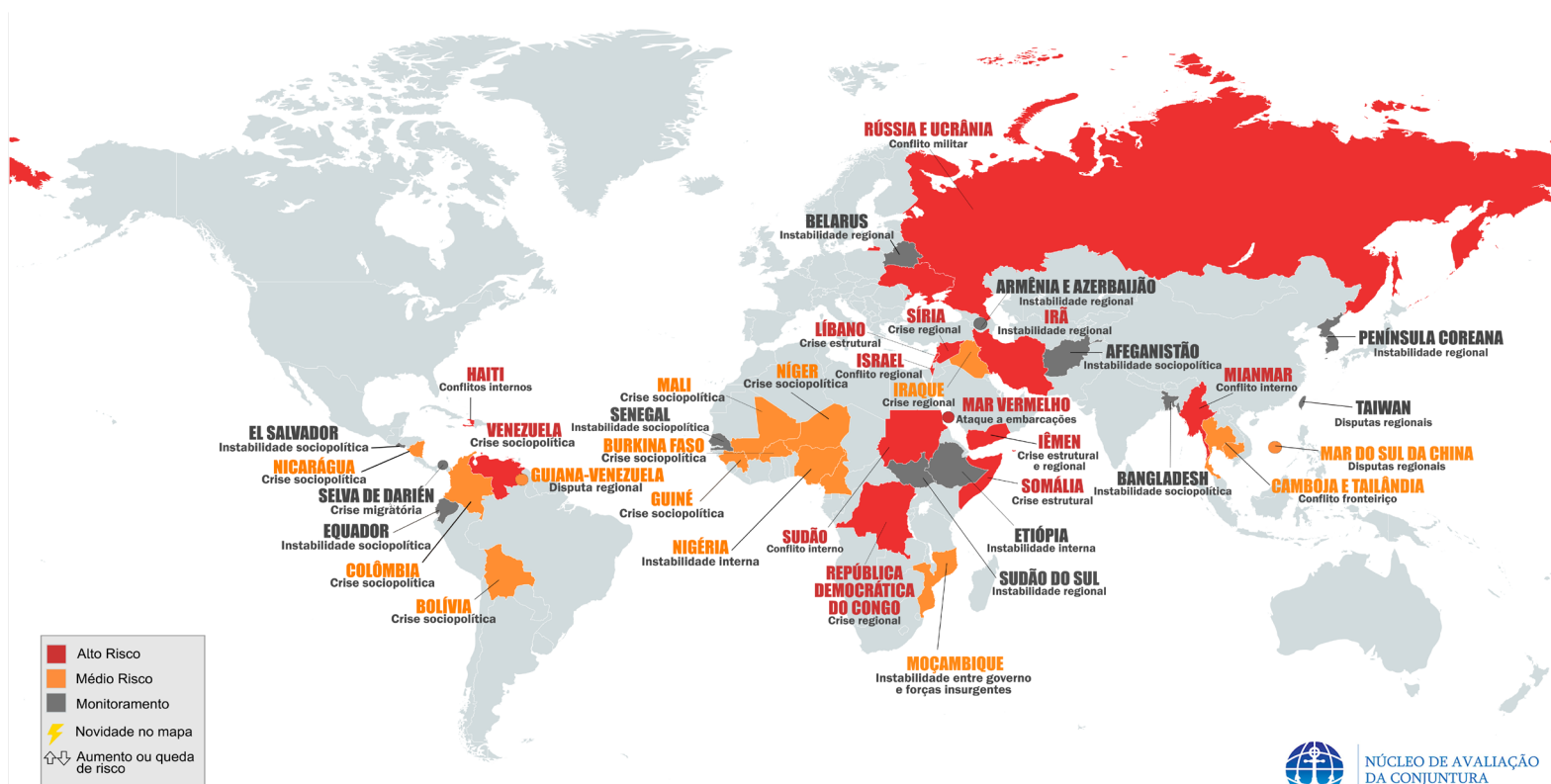


SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Navios de patrulha <i>offshore</i> e soberania marítima: a reconfiguração da indústria naval no Peru.....	5	Táticas chinesas na zona cinzenta do Mar Amarelo e seus impactos na segurança regional.....	12
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		O papel dos metais de terras-raras na estratégia da China.....	
Porto de Chancay e Canal do Panamá: o futuro do comércio marítimo global.....	6	13	
Domo de Ouro: desafio tecnológico e estratégico para a defesa dos Estados Unidos da América.....	7		
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
Tarifa zero da China sobre produtos africanos exclui Essuatíni.....	8	Indonésia: entre demandas do presente e do futuro.....	14
EUROPA		Entre drones e disputas: Manila se rearma.....	
Neutralidade em xeque: a ambígua geopolítica da Sérvia em tempos de conflito.....	8	15	
Mar Negro em evidência: a operação “Sea Breeze” como instrumento de presença da OTAN.....	9		
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		TEMAS ESPECIAIS	
Entre armas e memória: os atuais dilemas entre Israel e Alemanha.....	10	Escalada Armamentista: o dilema entre dependência e autonomia estratégica no setor de Defesa.....	16
RÚSSIA & Ex-URSS			
União Europeia avança na estratégia de <i>phase out</i> de hidrocarbonetos russos.....	11		
		Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....	17
		Calendário Geocorrente.....	17
		Referências.....	18
		Mapa de Riscos.....	19

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Pedro Vecchia



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

Navios de patrulha *offshore* e soberania marítima: a reconfiguração da indústria naval no Peru

Bruna da Silveira Eloy

A parceria firmada entre os *Servicios Industriales de la Marina* (SIMA) e a empresa sul-coreana HD Hyundai Heavy Industries (HD HHI), direcionada à produção local de navios-patrulha *offshore* (OPVs, em inglês), fragatas e embarcações auxiliares, representa não só um passo na modernização da força naval peruana, mas também um movimento estratégico para reforçar a posição do país como ator relevante no sistema regional, por meio do fortalecimento da segurança marítima. Nesse sentido, questiona-se em que medida essa cooperação fortalece a autonomia tecnológica do país, consolida sua soberania marítima e contribui para a reconfiguração do poder naval na América do Sul.

Formalizado em abril de 2024, mediante um contrato avaliado em US\$ 463 milhões, o programa prevê a construção de quatro meios navais: a fragata “HDF-3200”, com capacidades antiaéreas, de superfície e de guerra eletrônica; o OPV “HDP-2200”, destinado à patrulha oceânica e vigilância de zonas econômicas exclusivas; e dois navios auxiliares “HDL-1500”, voltados ao apoio logístico e a missões humanitárias. A construção, distribuída entre os estaleiros peruanos de Callao, Ilo e Chimbote, integra a política de reindustrialização impulsionada pela *Mesa Ejecutiva para la Implementación de la Reforma de la Industria Nacional*. A escolha da proposta sul-coreana, em concorrência com estaleiros europeus, baseou-se não apenas na viabilidade técnica, mas também na possibilidade de construir as embarcações no próprio

país sul-americano. Com potencial de promover efeitos multiplicadores sobre a base produtiva local por meio de transferência de tecnologia, qualificação de mão de obra e integração de fornecedores nacionais à cadeia de defesa, a parceria será capaz de estimular a economia do país no setor de defesa.

No plano regional, a iniciativa pode impulsionar o Peru como um polo emergente da construção naval, ampliando sua inserção estratégica em um contexto de assimetrias operacionais, restrições fiscais nos países vizinhos e crescente competição por influência no Pacífico Sul. Ao integrar modernização tecnológica e fortalecimento industrial, sobretudo no setor de defesa, o país amplia sua autonomia estratégica e reduz vulnerabilidades externas. Para a Marinha do Peru, isso representa um avanço expressivo na consolidação da capacidade de vigilância de áreas sensíveis, proteção de recursos e resposta às ameaças híbridas, como ilícitos transnacionais, desastres naturais e disputas jurisdicionais.

Infere-se, portanto, que o programa tem potencial de posicionar o Peru como ator marítimo regional ao articular modernização militar e fortalecimento da base industrial de defesa. No entanto, sua efetividade dependerá da continuidade institucional, da absorção tecnológica e da capacidade do Estado de traduzir ganhos operacionais em presença estratégica e influência real na governança marítima da América do Sul.

Especificações da fragata "HDF-3200"

Specifications	Notes
Number of Aircraft	1
Dimensions	
Beam	14.9 meter
Length	127 meter
Mass	
Full Displacement	3,400 ton
Performance	
Max Range	6,000 nautical mile
Speed	
Economical Speed	15 knot
Top Speed	26.5 knot



Fonte: Deagel

Porto de Chancay e Canal do Panamá: o futuro do comércio marítimo global

Taynah Pires Ferreira

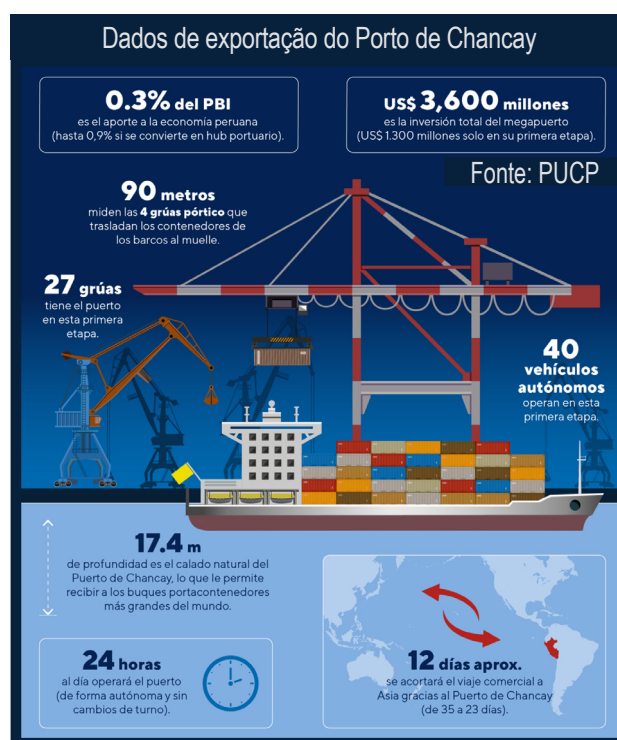
Em 01 de junho de 2025, iniciaram-se as operações comerciais do Porto de Chancay. O novo terminal, construído em território peruano e posicionado estrategicamente na região do Pacífico Sul, promete contribuir para a otimização do comércio entre a América do Sul e a Ásia ([Boletim 163](#)). A inauguração do porto ocorre em um momento em que o Canal do Panamá — uma das principais rotas do comércio marítimo global — enfrenta dificuldades ambientais, econômicas e políticas. Logo, questiona-se até que ponto as operações do Porto de Chancay podem reduzir a posição panamenha no comércio marítimo global?

Para compreender a relevância do Porto de Chancay como novo *hub* logístico na América do Sul, convém analisar suas principais vantagens. Primeiramente, o terminal busca notoriedade como o centro de distribuição de cargas da região, impulsionando a criação de novas rotas rodoviárias e ferroviárias. Nesse sentido, destaca-se o acordo firmado recentemente entre Brasil e China, que prevê o desenvolvimento de estudos técnicos para a construção de um corredor ferroviário, integrando os oceanos Atlântico e Pacífico, tendo Chancay como destino final. Por conseguinte, observa-se a aproximação desses países com importantes mercados asiáticos. Adicionalmente, sua posição marítima estratégica permite a redução do tempo de transporte de *commodities* em 12 dias, diminuindo significativamente os custos de operação. Além disso, a profundidade da

costa permite a atracação de embarcações de grande calado, com capacidade de 24.000 TEUs.

O surgimento da nova rota sul-americana ocorre em um momento de adversidades para o Canal do Panamá, que impactam diretamente o seu funcionamento pleno. No âmbito ambiental, os longos períodos de seca afetaram o trânsito de embarcações, causando congestionamentos e obstrução nas cadeias logísticas ([Boletim 211](#)). Politicamente, a autonomia e neutralidade da via navegável têm sido ameaçadas por Donald Trump, presidente dos Estados Unidos da América que, desde o início de seu mandato, tem afirmado o desejo de “retomar” o controle do Canal. Tais questões ameaçam a soberania do país e podem enfraquecer as vantagens logísticas panamenhas, abrindo espaço para que novas rotas se consolidem e reduzam a preponderância deste *hub* no comércio marítimo global.

Concluindo, o Porto de Chancay possui vantagens logísticas e comerciais que podem fazê-lo assumir relevância no comércio marítimo global, especialmente com a construção do corredor bioceânico entre Brasil e Peru. Para o Canal do Panamá, isso resultaria na redução no tráfego de cargas e, conseqüentemente, dos lucros para o país. Constata-se, portanto, a necessidade de modernização das infraestruturas e criação de incentivos fiscais para que o Panamá mantenha a sua posição histórica, visto que Chancay já é uma realidade no cenário logístico sul-americano.



DOI 10.21544/2446-7014.n216.p06.

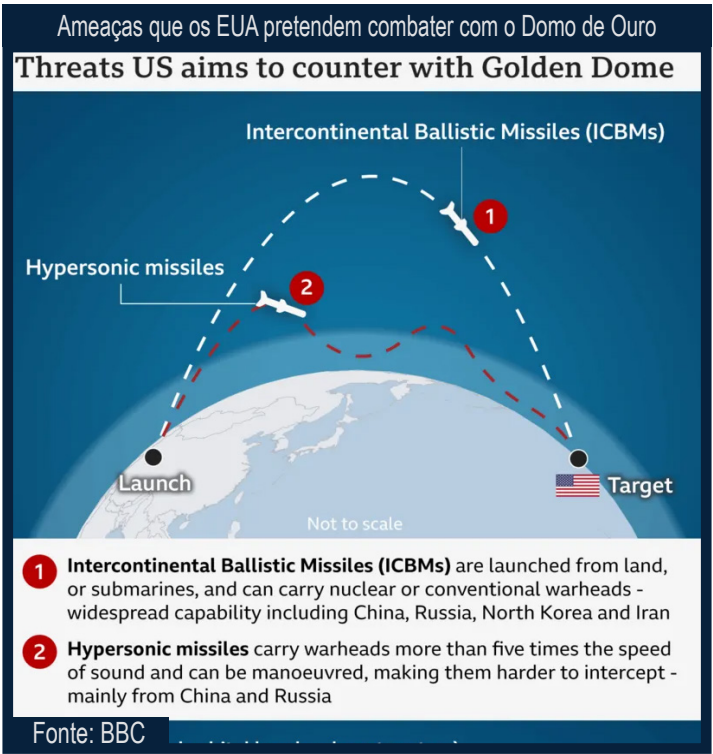
Em maio de 2025, o general Michael Guetlein, vice-chefe de operações espaciais do Pentágono, anunciou o novo projeto militar antimíssil dos Estados Unidos da América (EUA), o “Domo de Ouro”. A proposta estima um custo de US\$ 175 bilhões e deve estar em operação até o fim do mandato de Donald Trump, em 2029. No entanto, o tempo previsto para implementação do modelo poderá ser maior, segundo especialistas, em razão da complexidade do sistema. O comunicado foi realizado após a Agência de Inteligência de Defesa dos EUA (DIA, na sigla em inglês) sinalizar que as ameaças de mísseis aumentarão sua sofisticação e escalas nas próximas décadas. O *briefing* divulgado observa que a China e a Rússia estão projetando sistemas que exploram lacunas do conjunto de defesa dos EUA. Considerando que um dos fatores críticos estadunidenses é sua extensa territorialidade, questiona-se: quais fatores explicam o lançamento do novo projeto antimísseis?

A meta do aumento das capacidades estadunidenses de destruição de mísseis hipersônicos, balísticos e de cruzeiros avançados até 2029 tem dois desafios — o estratégico e o tecnológico. Segundo o Departamento de Defesa, a razão para a implementação do novo projeto é a capacidade de proteger o território estadunidense de potenciais ataques por meio das tecnologias no estado da arte. Assim, a inspiração para o novo sistema é oriunda do Domo de Ferro, tecnologia desenvolvida por Israel para sua proteção balística. Entretanto, a diferença

na replicação do projeto está na escala: o território dos EUA é 400 vezes maior do que Israel, o que impõe um desafio estratégico.

O governo Trump identificou os ataques aéreos como a ameaça com maior potencial destrutivo a ser enfrentada. Diante da magnitude da ameaça a ser contraposta, o orçamento inicial estimado é de US\$ 25 bilhões para viabilizar o projeto. No entanto, o consentimento do orçamento requer aprovação do Congresso, o qual ainda não proferiu autorização. O Escritório de Orçamento do Congresso dos EUA alega que o governo precisaria de mais verbas do que o previsto nos próximos anos para construir os componentes do sistema e iniciar a operacionalização, representando o desafio tecnológico. Assim, o novo investimento demandará um esforço conjunto de diferentes iniciativas militares e apoio político do Congresso.

Logo, fica evidente a importância da criação e modernização do escudo antimíssil diante das novas adversidades tecnológicas do século. Nesse âmbito, embora possuam elevados custos envolvidos, o Domo de Ouro deve ser concebido como um projeto abrangente, que integra diversas iniciativas militares e, até mesmo, parcerias estratégicas entre países, voltadas ao desenvolvimento de um sistema de comando e controle capaz de enfrentar a crescente complexidade tecnológica do século XXI.



Tarifa zero da China sobre produtos africanos exclui Essuatíni

Vanessa Bandeira

Como resultado das negociações no âmbito do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC), em dezembro de 2024, a China anunciou a isenção de tarifas alfandegárias para 33 países africanos. A implementação da política de tarifa zero abrange cerca de 98% dos produtos tributáveis originários dessas nações. Para além de *commodities*, a iniciativa também contempla produtos industrializados, o que tem potencial para estimular o setor industrial e a produção de bens de maior valor agregado. Atendendo aos apelos de líderes africanos como Ramaphosa, da África do Sul e Museveni, de Uganda, por acordos comerciais mais equilibrados, em junho de 2025 a China estendeu tal medida a 53 países, contemplando quase todo o continente — exceto o Reino de Essuatíni. Desse modo, resta a pergunta: por qual motivo esse país foi excluído?

A República Popular da China (RPC) e o Reino de Essuatíni nunca estabeleceram laços diplomáticos, apesar de manterem algumas trocas comerciais. Após sua independência em 1968, Essuatíni reconheceu Taiwan e, em 1971, chegou a votar contra a restauração da RPC na Assembleia Geral das Nações Unidas. Desde então, o país possui uma relação sólida com Taiwan, de quem já recebeu auxílio em diferentes áreas. Ambos possuem, por exemplo, um acordo de cooperação econômica que isenta tarifas para diversos produtos, o que contribui para a manutenção de uma sólida parceria comercial.

Atualmente, o Essuatíni é o único país africano ainda

alinhado com Taiwan. Tendo em vista os vultosos investimentos chineses, viabilizados, principalmente, por meio do FOCAC e da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, na sigla em inglês), todos os demais países direcionaram seu reconhecimento a Pequim. Tais acordos, portanto, também funcionam como instrumentos para reafirmar, ampliar e consolidar a influência e persecução de interesses chineses junto aos países da região.

Assim, destaca-se o caráter estratégico da iniciativa tarifa zero, que contribui para o estreitamento de laços da China com o continente africano em uma conjuntura regional de deterioração de relações com as ex-metrópoles ([Boletim 215](#)) e por uma conjuntura internacional de iniciativas protecionistas por parte dos EUA. Para além do aumento de tarifas estabelecido pelo governo Trump, os cortes de ajuda e a possível descontinuação da Lei de Crescimento e Oportunidades para a África (AGOA) — que expira em setembro do corrente ano e depende da intervenção do Congresso dos EUA para ser renovada — adicionam camadas de complexidade ao cenário. Nesse sentido, a exclusão de Essuatíni da isenção tarifária reforça a pressão sobre o país, que possui mais de 50% da população vivendo abaixo da linha da pobreza, para o possível reconhecimento de “uma só China”, a partir de um novo direcionamento diplomático.

DOI 10.21544/2446-7014.n216.p08.

EUROPA

Neutralidade em xeque: a ambígua geopolítica da Sérvia em tempos de conflito

Lucas Salles

Em 2025, a Sérvia de Aleksandr Vučić enfrenta oposição por parte das alas mais nacionalistas, que o acusam de trair o povo eslavo com seu maior alinhamento ao Ocidente após o início do conflito Rússia-Ucrânia. Ao mesmo tempo, no dia 28 de junho de 2025, cerca de 140.000 pessoas, principalmente estudantes, foram às ruas em Belgrado para demandar um fim aos 12 anos de mandato do presidente, reivindicando o término da corrupção e a restauração de direitos fundamentais no país, que, desde 2009, busca a entrada na União Europeia (UE). Afinal, indaga-se: como se configura o posicionamento da Sérvia diante dos atuais impasses na geopolítica europeia?

Em primeiro lugar, nota-se que a Sérvia mantém

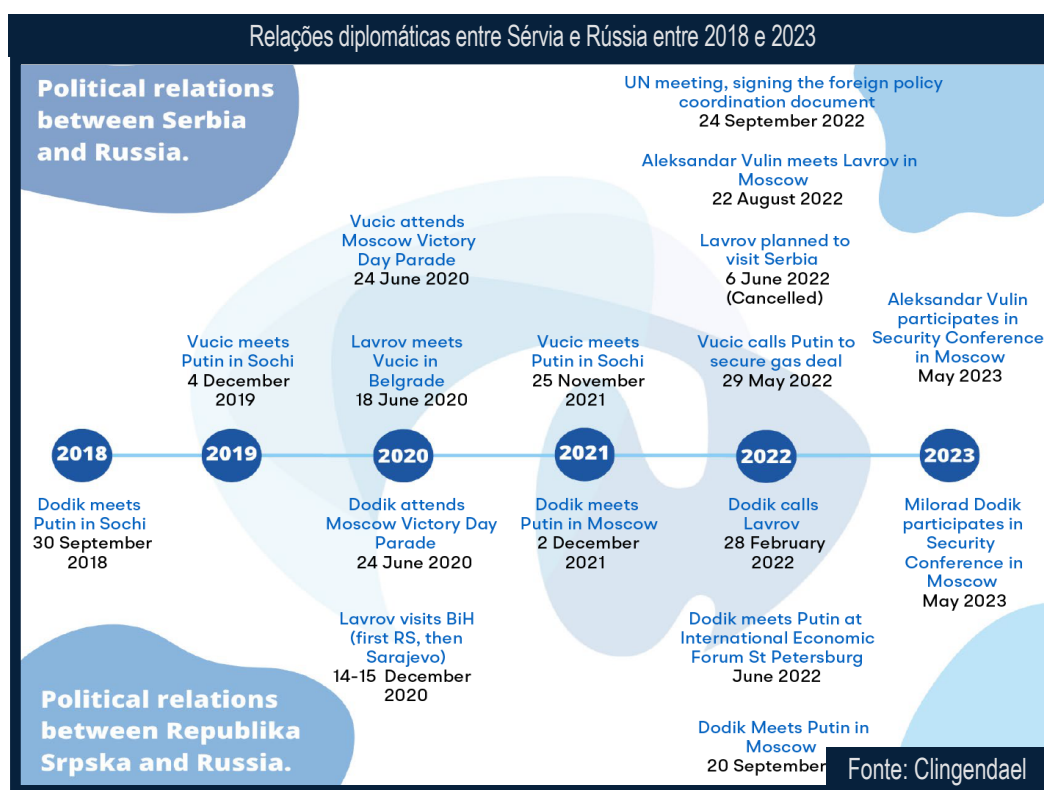
profundos laços com a Rússia. Por um lado, os países dividem a identidade cultural eslava e, por outro, possuem um histórico de relações estratégicas: a Sérvia, por exemplo, foi um dos países europeus que menos se manifestou contra Moscou após o início do conflito Rússia-Ucrânia. Além disso, permanece entre um dos últimos compradores de gás russo na Europa e é, historicamente, receptora de treinamento militar de Moscou. Contudo, Vučić já declarou que apoiará a reconstrução da Ucrânia, e o jornal britânico *The Financial Times* expôs que a Sérvia já exportou mais de US\$ 900 milhões a Kiev por meio de terceiros. Essa ação, inclusive, levou à suspensão total de exportações de armamento sérvio para a Rússia, em junho de 2025.

DOI 10.21544/2446-7014.n216.p08.

Contudo, essas tentativas de equilíbrio no apoio aos dois lados do conflito vêm colocando a Sérvia sob pressão da UE. Afinal, o país somente pode integrar o bloco ao cumprir requisitos relacionados a direitos humanos e liberdades democráticas, o que tem sido um impasse, após fortes acusações de corrupção e de perseguição do governo a jornalistas, como exposto pela Anistia Internacional desde 2024. Do mesmo modo, há exigências quanto às relações do país com a Rússia: em junho de 2025, o bloco propôs a Belgrado um banimento obrigatório à compra de gás russo a

partir de 2027 — medida categoricamente recusada pelo governo, que anunciou a assinatura de um novo tratado, de até 10 anos de duração, com Moscou.

Desse modo, nota-se que a Sérvia está em uma constante busca pelo equilíbrio entre os laços estratégicos de um passado distante com a Rússia e a conveniência de um passado recente com a UE. Mas, a insatisfação que Vučić encontra em diversas frentes pode indicar que a ambiguidade do posicionamento sérvio tenha mais raízes na conveniência do que no planejamento institucional.



DOI 10.21544/2446-7014.n216.p08-p09.

Mar Negro em evidência: a operação “Sea Breeze” como instrumento de presença da OTAN

Emerson Luiz Bento dos Santos

O continente europeu passa atualmente por uma redefinição no modo como enxerga a defesa de seus mares. Desde 2022, quando se iniciaram as hostilidades no Leste Europeu entre Rússia e Ucrânia, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) passou a olhar mais atentamente para suas águas. Devido à sua localização e proximidade geográfica ao conflito, o Mar Negro tornou-se uma região imprescindível para o projeto de presença estratégica da Aliança, e a operação “Sea Breeze 25” evidencia tal postura. Portanto, de que maneira a atuação da OTAN alteraria a configuração de segurança da região?

O exercício aconteceu em duas edições: a primeira, ocorrida em junho de 2025 e focada em operações de comando, controle e segurança marítima, foi organizada

pelas Forças Armadas romenas, na Base de Smardan, na Romênia. A ação contou com a participação de vários aliados da OTAN, incluindo a Bulgária — país localizado na bacia do Mar Negro. Seguindo o exemplo do que aconteceu no Báltico, com a operação “Baltic Sentry” (Boletim 212), a Aliança militar deseja consolidar seu protagonismo e robustecer sua presença na região. Para resistir ao avanço do conflito, a instituição precisará intensificar seus esforços em conjunto com seus parceiros e reconfigurar os mecanismos locais de defesa para garantir a manutenção da paz nesse ponto crítico da Europa.

Já a segunda edição do “Sea Breeze 25” ocorreu entre os meses de junho e julho de 2025 e foi sediada pela Marinha Real Britânica, em Portland, Reino Unido.

Dessa vez, forças navais de 14 nações conduziram atividades em apoio à Ucrânia, além de uma série de práticas, como contramedidas de minagem. A OTAN terá que ser competente e assertiva em sua estratégia de defesa marítima e, para isso, a cooperação e o investimento de seus integrantes serão cruciais para seu sucesso. *Chokepoints* importantes, como os Estreitos de Bósforo e Dardanelos, indicam a significância da região para as aspirações de Bruxelas, tendo em vista a crescente

tensão que o confronto causa desde seu início em 2022.

Logo, a presença da Aliança nesse momento influenciará, inevitavelmente, a dinâmica de segurança da área, sendo essa uma zona de grande relevância para seus objetivos. Esforços como esse revelam o estado de alerta no Mar Negro atualmente, visto que a região passa por turbulências geopolíticas, o que implica em mudanças de postura significativas.



DOI 10.21544/2446-7014.n216.p09-p10.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Entre armas e memória: os atuais dilemas entre Israel e Alemanha

Amanda Montoiro

Desde o ataque do Hamas a Israel em 07 de outubro de 2023 a Alemanha se manteve como um dos aliados mais fiéis a Israel e seu segundo maior fornecedor de armas e equipamentos militares. Contudo, com as últimas ações israelenses na Faixa de Gaza, a intensificação da crise humanitária juntamente com o aumento das pressões e críticas à atuação israelense nos territórios palestinos, é possível observar, ainda que embrionária, uma revisão de Berlim a seu apoio incondicional a Israel. Para compreender essa temática e seus atuais desdobramentos, faz-se necessário entender o princípio da “*Staatsräson*” e os laços econômicos entre essas nações.

Em 2008, a então chanceler alemã Angela Merkel declarou que a segurança de Israel constituía a razão de Estado (*Staatsräson*, em alemão) da Alemanha — compromisso ancorado na responsabilidade histórica do Estado alemão pelo Holocausto e reforçado, à época, pelo diálogo com um governo israelense favorável à “Solução de dois Estados”. No entanto, o atual governo de Benjamin Netanyahu em Israel, marcado

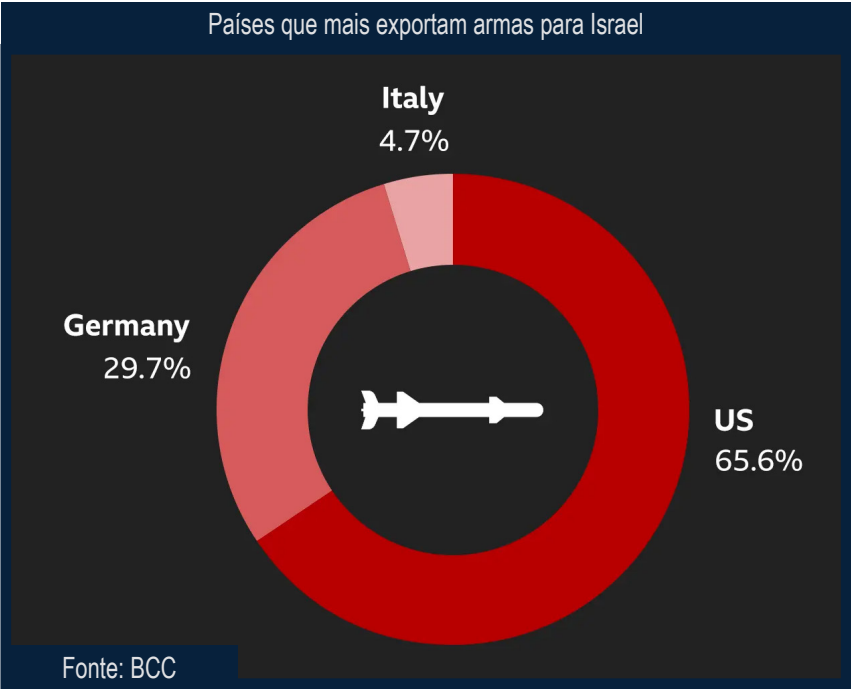
por ofensivas a Gaza e por retóricas favoráveis à anexação de territórios, descolou o princípio da base ética original da *Staatsräson*, que passou a ser questionada como justificativa a um apoio incondicional, sobretudo diante de acusações de crimes de guerra. Sob esse contexto, o atual chanceler Friedrich Merz — pressionado internamente, sobretudo pelo Partido Social-Democrata (SPD) —, em maio de 2025, criticou os ataques de Israel à Gaza, afirmando que não eram mais justificáveis ou compreensíveis.

Em uma guinada no posicionamento alemão, o ministro das Relações Exteriores, Johan Wadephul, sugeriu possíveis sanções às exportações de armas para Israel — que totalizaram US\$ 553 milhões exportados, entre outubro de 2023 e maio de 2025. Contudo, até o momento nenhuma medida concreta foi adotada. No âmbito europeu, uma forma de pressionar Israel seria suspender o Acordo de Associação União Europeia-Israel, que garante o comércio e cooperação política entre as partes. A União Europeia (UE) é a maior parceira comercial de Israel — 32% do seu

comércio total em 2024 — e qualquer alteração nesse vínculo teria impacto significativo. No entanto, em 23 de julho, Alemanha e Itália se opuseram à proposta de revisão apresentada pela Holanda, mantendo a chamada “minoria de bloqueio”. Segundo diplomatas, uma mudança de posicionamento alemã poderia ser decisiva para destravar essa ação europeia.

Sendo assim, os posicionamentos críticos de Merz frente às ações de Israel constituem uma

mudança no tradicional alinhamento automático da Alemanha. Após criticar as ações israelenses em termos excepcionalmente fortes para um líder alemão, o chanceler agora enfrenta pressões para que sua retórica seja acompanhada de ações. Por fim, as próximas movimentações da potência alemã estarão sob os holofotes — e Netanyahu, por sua vez, precisará reorquestrar sua forte dependência europeia.



DOI 10.21544/2446-7014.n216.p10-p11.

RÚSSIA & EX-URSS

União Europeia avança na estratégia de *phase out* de hidrocarbonetos russos

Luiza G. Guitarrari

Nos últimos anos, a política energética da União Europeia (UE) tem sido pautada na segurança e diversificação energética, com especial foco na redução do consumo de hidrocarbonetos. Amparado pela estratégia “RePowerEU”, o bloco comprometeu-se em eliminar o uso de combustíveis russos até 2027. Adicionalmente, as recentes negociações para um recrudescimento das sanções europeias à Rússia criaram um dissenso político entre os países do bloco, alguns dos quais ainda dependem da energia russa. Nesse contexto, avaliam-se os impactos do recém implementado 18º pacote de sanções à Rússia.

Lançado em 2022, o “RePowerEU” prevê a redução das importações de gás russo, o fim de novos contratos e a interrupção de acordos *spot* até 2025. Desde então, as importações caíram 64%, passando de 145 bcm em 2021 para 52 bcm em 2024. Mesmo com o término do contrato de trânsito pela Ucrânia, em janeiro de 2025, a Rússia manteve as exportações de gás para a Europa por meio do gasoduto TurkStream, gerando receitas superiores a US\$ 20 bilhões. A rota atende países como

Áustria, Bulgária, Eslováquia e Hungria, com descontos de até 15%.

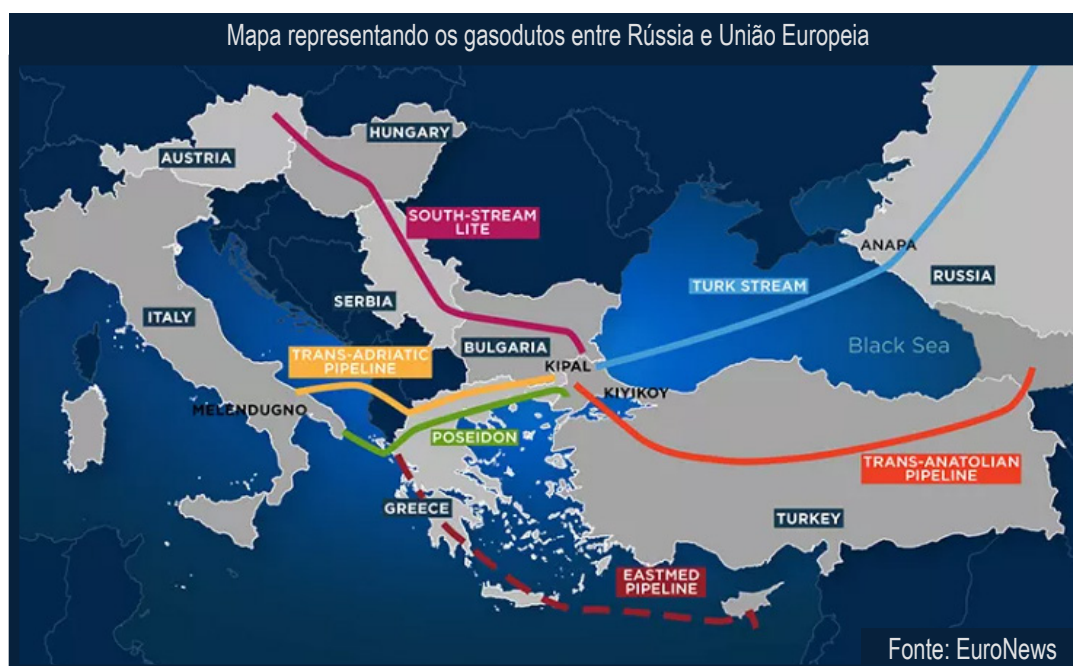
Assim, a manutenção das importações foi um dos fatores que levaram a Comissão Europeia a implementar, em 17 de julho de 2025, o 18º pacote de sanções contra a Rússia, visando à contração das receitas energéticas e ao enfraquecimento da economia russa no longo prazo. Entre as medidas incluídas estão: a redução do teto de gastos do petróleo de US\$ 60/barril para US\$ 47,6/barril; proibição do escoamento de gás pelos gasodutos Nord Stream 1 e 2; adição de 105 embarcações à lista da “frota fantasma russa”; proibição à importação de petróleo refinado produzido por países terceiros a partir de petróleo bruto russo. Esta última poderá afetar o embarque de petróleo bruto russo à Ásia e à Turquia, que se beneficiam da revenda do produto refinado à Europa a preços mais altos.

Contudo, as negociações foram marcadas por pressões políticas do Centro-Leste europeu, sendo aprovadas somente após a “retirada” do veto da Eslováquia. Nesse período, os países alegaram que novas

sanções elevariam os preços de energia ao consumidor, devido ao encarecimento do trânsito de gás e a conflitos com a *Gazprom*, relacionados a contratos de gás de longo prazo.

Em suma, os interesses energéticos distintos expõem os desafios de coesão e polarização política do bloco

em cortar totalmente laços energéticos com a Rússia. Apesar disso, a medida simboliza um avanço na estratégia energética europeia, que impactará nas receitas direcionadas à Indústria de Defesa russa e nos gastos militares contra a Ucrânia.



DOI 10.21544/2446-7014.n216 p11-p12.

LESTE ASIÁTICO

Táticas chinesas na zona cinzenta do Mar Amarelo e seus impactos na segurança regional

Nina Bonifacio

A disputa territorial no Mar Amarelo entre China e Coreia do Sul revela não apenas as limitações dos acordos provisórios vigentes, como também as dinâmicas mais amplas dos planejamentos de defesa e das prioridades estratégicas de ambos os países. A região, marcada pela sobreposição de Zonas Econômicas Exclusivas (ZEEs) e pela ausência de uma delimitação definitiva, é regulada desde 2001 pela chamada Zona de Medidas Provisórias (PMZ, na sigla em inglês). Esse arranjo, embora tenha viabilizado cooperação limitada em atividades como pesca e navegação, veda ações unilaterais que possam ser interpretadas como tentativa de impor soberania. Contudo, esse equilíbrio precário tem sido cada vez mais pressionado por ambições geopolíticas e programas de modernização militar que ampliam a competição regional.

Para a China, o fortalecimento da presença no Mar Amarelo insere-se em uma estratégia mais ampla de modernização das Forças Armadas e nos planos quinquenais que priorizam o desenvolvimento de capacidades marítimas, cibernéticas e aeroespaciais. Pequim busca expandir sua capacidade de controle nos mares adjacentes, como o Mar do Sul da China,

Mar da China Oriental e, mais recentemente, no Mar Amarelo, por meio de ações de “zona cinzenta”, que evitam o confronto direto, mas consolidam presença estratégica no território. Esse esforço inclui o *West Sea Project*, um plano de longo prazo para ampliar a projeção naval na costa oeste chinesa, integrando segurança marítima, exploração de recursos e vigilância estratégica, particularmente em áreas sensíveis próximas à península coreana.

As estruturas fixas instaladas pela China na PMZ, como a estrutura metálica ancorada em 2022, funcionam como instrumentos dessa política gradualista. Em maio de 2025, a instalação de três novas boias chinesas elevou para 13 o número total de dispositivos unilaterais na região, intensificando as preocupações de Seul. Essas estruturas, embora não armadas, funcionam como âncoras de presença permanente, podendo futuramente ser mobilizadas como base de reivindicações territoriais. A declaração de zonas de exclusão marítima para treinamentos militares também reforça a percepção de que tais ações buscam consolidar um controle estratégico cada vez mais robusto.

A resposta sul-coreana a esse processo tem envolvido

o reforço de suas capacidades navais e tecnológicas, com vistas à proteção de rotas marítimas críticas e à contenção de movimentos que comprometam sua margem de manobra regional. Além do desenvolvimento de submarinos e sistemas de vigilância, a Coreia do Sul tem apostado em uma postura dissuasória, que busca sinalizar resistência sem escalar o conflito. Essa dinâmica evidencia uma disputa por influência em que nenhum dos lados pretende

recorrer ao uso direto da força, mas ambos operam no limiar da provocação. A disputa na PMZ, portanto, não pode ser compreendida isoladamente, pois reflete um tabuleiro mais amplo de competição estratégica no Leste Asiático, no qual o espaço marítimo funciona como vetor privilegiado de afirmação de poder, mas articulado a outras dimensões, como econômica, militar e tecnológica.



DOI 10.21544/2446-7014.n216 p12-p13.

O papel dos metais de terras-raras na estratégia da China

Rodrigo Ribeiro

O mercado de metais de terras-raras tem se consolidado como um dos pilares estratégicos das cadeias globais de alta tecnologia e defesa. Em 27 de junho de 2025, a China — que assume um papel central nesse setor, dada sua capacidade de refino destes materiais — formalizou um acordo de exportação destes ativos com os Estados Unidos da América (EUA), marcando um avanço significativo no processo de desescalada das tensões comerciais entre os dois países. Sendo assim, este artigo questiona: como a China tem explorado sua vantagem no setor de terras-raras para ampliar sua influência sobre cadeias globais de tecnologia e defesa?

Os 17 metais de terras-raras — como ítrio, gadolínio, térbio, entre outros — são utilizados na produção de componentes de alta tecnologia fundamentais para o funcionamento de diversos ativos estratégicos, desde *smartphones* e turbinas elétricas até mísseis e sistemas de radar. Dados da Agência Internacional de Energia apontam que a China é responsável por cerca de 90% do processamento e refino global desses metais, exercendo um papel central no controle dessa cadeia produtiva. Em meio à escalada das tensões comerciais ao longo do mês de abril deste ano, Pequim optou por suspender suas exportações de sete destes metais como forma de pressionar Washington economicamente.

Em um contexto mais amplo, observa-se que a China já vem instrumentalizando o mercado de metais de terras-raras como parte de sua estratégia na disputa tecnológica com os EUA. A partir de 2019, durante o primeiro mandato de Donald Trump, houve restrições ao acesso de empresas chinesas, como a Huawei, fabricante de chips de alta tecnologia e semicondutores. Em resposta, o governo chinês passou a adotar medidas retaliatórias, incluindo a imposição de limites à exportação de terras-raras para os EUA. Essas ações reforçam o uso estratégico desses insumos como ferramenta de pressão geoeconômica em meio à disputa pela hegemonia tecnológica.

Nesse sentido, o novo acordo deve contribuir significativamente para a normalização das relações comerciais sino-estadunidenses. Entretanto, é importante considerar que a China compreende a sua posição vantajosa no mercado de terras-raras e, dada a relevância destes ativos, deve continuar a utilizá-los como instrumento para garantir seus objetivos estratégicos no sistema internacional. Essa política está em consonância com a postura mais assertiva que a política externa chinesa tem adotado nos últimos anos, respondendo com firmeza às pressões e provocações das potências ocidentais.

DOI 10.21544/2446-7014.n216 p13.

Indonésia: entre demandas do presente e do futuro

Rafael Prisco

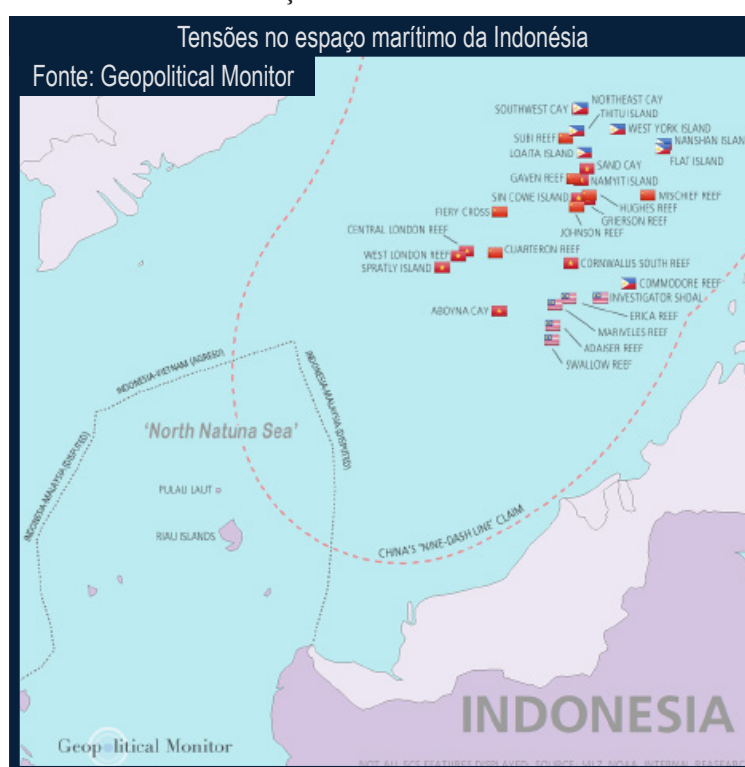
A recente execução do contrato entre a Marinha da Indonésia e a empresa francesa *Naval Group* ([Boletim 203](#)) é bastante significativa para o país asiático. A futura incorporação de dois submarinos tecnologicamente avançados, com a classe “Scorpène Evolved” em substituição aos obsoletos classe “Type 209” sul-coreanos em uso, representa um ganho ainda maior ao considerar que serão produzidos localmente pela estatal indonésia *PT PAL*. Esse projeto se integra no programa do presidente Prabowo Subianto para fortalecer as Forças Armadas, nomeado Força Essencial Ótima (OEF, na sigla em inglês), embora também divirja em alguns aspectos. Portanto, de que forma pode-se analisar esse programa no primeiro ano de mandato do governo Subianto?

O atual presidente lidera o processo de modernização das suas Forças Armadas desde 2019, enquanto ainda ocupava o cargo de Ministro da Defesa. Desde então, a abordagem predominante da pasta é a aquisição direta de armamentos estrangeiros, com baixa ou nenhuma transferência de tecnologia prevista nos contratos. Em 2025, por exemplo, acordou-se a aquisição de duas fragatas já construídas da companhia italiana *Fincantieri*, a importação de 48 caças “KAAN” de origem turca, além de uma nova aquisição de 19 caças *Dassault* “Rafale”, após um primeiro contrato de 48 aeronaves em 2022. Jacarta também negocia para adquirir jatos “Su-35” e “J-10” da Rússia e China, respectivamente. Os chineses colocam na mesa, ainda, submarinos “Yuan” de classe “Type 039A”, além de outras embarcações e

armamentos variados.

A análise desses acordos revela, primeiramente, o dilema entre modernização a curto ou longo prazo. A OEF demonstra priorizar equipar-se de forma rápida e econômica, ao importar armamentos prontos ou em estágios finais de produção. Por outro lado, apresenta desvantagem no que se refere à transferência de tecnologia, incluída nesses acordos, marcada por baixa transparência de detalhes. Pode-se entender que o ganho potencial para o complexo industrial-militar indonésio é inferior, quando comparado ao acordo como o da *Naval Group* — cuja construção, administração e manutenção dessas embarcações será conduzida em estaleiros indonésios, utilizando matéria-prima e mão de obra local, fortalecendo o país economicamente, e superando os atrasos no campo bélico, ao longo de décadas. Em segundo lugar, o foco na expansão da Marinha e Força Aérea reflete os anseios do presidente Prabowo de elevar a militarização do espaço marítimo e aéreo do arquipélago indonésio.

Por fim, diante da intensificação dos conflitos internacionais nos últimos anos, é compreensível a necessidade do país de atualizar suas capacidades de Defesa. As tensões geopolíticas em Taiwan, as disputas territoriais no Mar do Sul da China e a escalada do confronto entre Camboja e Tailândia colocam a Indonésia em estado de alerta. Entretanto, é necessário ponderar os investimentos a longo prazo, para assim superar a condição de atraso tecnológico.



DOI 10.21544/2446-7014.n216 p14.

Assim como outros atores da região, as Filipinas têm buscado modernizar sua força naval nos últimos anos. Dentre as diversas iniciativas, cabe destacar seu investimento crescente em capacidades não tripuladas, sobretudo veículos de superfície não tripulados (USV, na sigla em inglês). Essa busca por fortalecimento de suas capacidades de defesa marítima tem sido apoiada pelos Estados Unidos da América (EUA), tendo em mente as tensões e disputas de poder no Mar do Sul da China (MSC).

Nos meses de junho e julho de 2025, foram anunciados planos de financiamento e construção, por parte dos EUA, de uma instalação capaz de receber embarcações e navios de assalto na costa oeste da província de Palawan, próxima aos territórios em disputa. O plano é construir uma infraestrutura de apoio no município de Quezon, localizado a apenas 257 km do Second Thomas Shoal. Os requisitos para o projeto de Quezon se relacionam com os planos para a *Naval Detachment Oyster Bay*, também em Palawan, sede de navios-patrolha e barcos de ataque rápido. Os EUA também estão investindo na modernização da base de Oyster Bay, com uma instalação capaz de dar suporte a USVs de 11.6 m, como o “Devil Ray T-38”.

Tradicionalmente, a Marinha Filipina opera USVs por meio de sua unidade baseada em Subic Bay,

empregando-os no MSC e em exercícios com forças especiais dos EUA. Essa iniciativa conta com apoio e treinamento de uma força-tarefa estadunidense, destacada pelo Secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth, especialmente no exercício “Balikatan 2025”. O objetivo dessas instalações é permitir uma “prontidão de implantação rápida”, com os barcos podendo ser colocados na água em 15 minutos.

Ainda neste último mês, a empresa estadunidense *Sea Machines* reforçou essa tendência ao enviar às Filipinas o USV “SELKIE”, equipado com o sistema de navegação autônoma SM300 e projetado para missões de inteligência, vigilância, reconhecimento e levantamento hidrográfico. Transportado em contêiner para Subic Bay, o “SELKIE” possui autonomia de até 30 dias e 500 milhas náuticas, podendo operar com diferentes cargas modulares, incluindo drones aéreos. Conectado a redes como Starlink e controlado por um centro de comando local, o equipamento foi integrado a demonstrações navais, sinalizando a ampliação da capacidade filipina de monitoramento marítimo e a crescente cooperação tecnológica com os EUA. Ainda, a iniciativa inclui planos de coprodução local por meio de *joint ventures*, alinhando-se à estratégia de modernização da defesa filipina diante das disputas no MSC.



Escalada Armamentista: o dilema entre dependência e autonomia estratégica no setor de Defesa

Pedro Vecchia

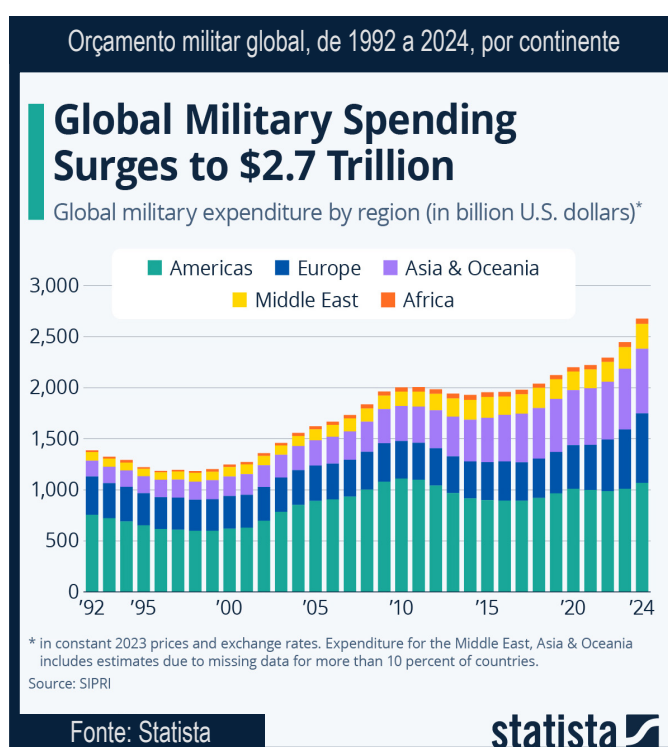
O mundo atual tem enfrentado conflitos e hostilidades constantes entre potências, colocando o Sistema Internacional em alerta. Em resposta, os países vêm aumentando seus investimentos em equipamentos de Defesa, registrando, em 2024, a décima alta anual consecutiva. Segundo relatório do Instituto de Pesquisas da Paz de Estocolmo (SIPRI, na sigla em inglês), os gastos globais chegaram a US\$ 2,718 trilhões — o maior valor desde o fim da Guerra Fria. Muitos desses Estados, no entanto, não possuem uma Base Industrial de Defesa (BID) consolidada, o que os torna dependentes de importações. Dessa forma, será analisado o impacto dos conflitos correntes no Sistema Internacional com o crescimento dos gastos em Defesa e a solução de produção doméstica desta pauta.

Os conflitos no mundo têm escalado cada vez mais o dilema de segurança do Sistema Internacional. Países próximos a zonas de instabilidade tendem a reforçar sua capacidade bélica. Como exemplo, os membros europeus da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), os quais temem a ameaça russa e o possível desligamento dos Estados Unidos da América da Aliança e que investiram juntos US\$ 454 bilhões em Defesa em 2024 — o equivalente a 30% dos gastos da OTAN. O Líbano, que recentemente passou por mais um conflito em sua fronteira sul com Israel, aumentou seu gasto em Defesa em 58% em comparação a anos anteriores, nos quais vivia imerso em uma crise econômica que limitou seus

investimentos nessa área. Na Ásia-Pacífico, o dilema de segurança vivido no Mar do Sul da China tem estimulado os maiores investidores militares a buscar tecnologias cada vez mais sofisticadas, aprofundando uma possível corrida armamentista regional.

A dependência armamentista e a corrida pela compra de equipamentos com a mais alta tecnologia de Defesa privilegiam os poucos países que possuem uma BID consolidada e exportadora de equipamentos. Um estudo do *Kiel Institute for Global Economy* mostra que o PIB nacional crescerá de 0,8% a 1,5% se os países investissem o que hoje gastam com Defesa em produções nacionais. Ainda segundo o estudo, a receita com dívida pública poderia se tornar investimento no setor de defesa, favorecendo ainda mais o crescimento do PIB, a geração de empregos e a proteção nacional.

O crescimento contínuo dos gastos em Defesa, impulsionado pela intensificação de ameaças regionais e globais, evidencia a centralidade da segurança na agenda internacional contemporânea. Nesse contexto, a dependência externa por equipamentos militares expõe vulnerabilidades estratégicas de diversos Estados. Consolidar uma BID nacional, portanto, emerge não apenas como resposta à conjuntura bélica, mas como instrumento de autonomia estratégica, crescimento econômico e fortalecimento do poder estatal no Sistema Internacional.



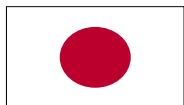
- ▶ [Putin's Dilemma](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [Who's Winning the US-China AI Race?](#)
PROJECT SYNDICATE, Stephen S. Roach
- ▶ [The Real Meaning of Putin's Middle East Failure](#)
FOREIGN AFFAIRS, Michael McFaul and Abbas
- ▶ [It's Time to Think About \(and Fear\) Drones and Psychological Operations](#)
WAR ON THE ROCKS, J.D Maddox
- ▶ [United States Navy Force Structure The Challenge of Global Crisis Response](#)
RAND, Bradley Martin

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Por: Rafaela Machado

JULHO / AGOSTO

Principais eventos de 10 de julho até 17 de agosto

10* - 08

JAPÃO
EXERCÍCIO
"REFORPAC 2025"

*de Julho

13* - 04

AUSTRÁLIA
EXERCÍCIO
"TALISMAN SABRE 2025"

*de Julho

28*

PARAGUAI
COMISSÃO DE
REPRESENTANTES
PERMANENTES DO
MERCOSUL

*de Julho

29* - 31*

BRASIL
CONFERÊNCIA GLOBAL
SOBRE CLIMA E SAÚDE DE
2025 DA OMS

*de Julho

31*

**ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA**
1ª REUNIÃO PLENÁRIA DA
SESSÃO ORGANIZACIONAL
DE 2026 DA ECOSOC

*de Julho

31* - 01

COREIA DO SUL
REUNIÃO DA APEC
SOBRE COOPERAÇÃO
ANTICORRUPÇÃO

*de Julho

13 - 15

ÁFRICA DO SUL
CÚPULA DE INVESTIMENTO
EM ÁGUA DA UNIÃO
AFRICANA-AIP 2025

17

BOLÍVIA
ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS

Navios de patrulha *offshore* e soberania marítima: a reconfiguração da indústria naval no Peru

GOBIERNO DEL PERÚ. [Marina de Guerra del Perú potenciará sus capacidades operacionales con la construcción de modernas unidades navales](#), 10 jan. 2025. Acesso em 25 jul. 2025.

MEIJA, Lewis. [Fragatas, patrulleros y buques auxiliares: los proyectos de construcción naval que HD HHI y SIMA impulsan para la Marina de Guerra del Perú](#). Zona Militar, 4 jul. 2025. Acesso em 25 de jul. 2025.

Porto de Chancay e Canal do Panamá: O Futuro do Comércio Marítimo Global

DANNEMANN, Victoria. [Puerto de Chancay: nueva ruta entre China y Sudamérica](#). DW, 15 nov. 2024. Acesso em: 09 jun. 2025

[El inicio de operación comercial del Puerto Chancay en Perú arranca el 1 de junio](#). La República, 26 mai. 2025. Acesso em: 09 jun. 2025

Novo sistema de antimíssil representa desafio tecnológico e estratégico para a defesa dos Estados Unidos da América

[Como vai funcionar o Domo de Ouro, escudo antimísseis anunciado por Trump](#). BBC, 21 mai de 2025. Acesso em: 05 jul. 2025.

[Domo de Ouro de Trump x Domo de Ferro de Israel: Entenda as diferenças](#). CNN, 21 mai de 2025. Acesso em: 05 jul. 2025.

Tarifa zero da China sobre produtos africanos exclui Essuatíni

CALABESE, Linda. [China courts Africa with tariff-free access: a new era of trade, or just the first step?](#). ODI Global, 01 jul. 2025. Acesso em: 05 jul. 2025.

[Taiwan's Diplomatic Setback: How Much Longer Will Eswatini Maintain Diplomatic Ties with Taiwan?](#). Australian Institute of International Affairs, 17 jun. 2025. Acesso em: 05 jul. 2025

Neutralidade em xeque: a ambígua geopolítica da Sérvia em tempos de conflito

[The Coup Attempt in Serbia — Kremlin Influence, Balkan Instability, and Strategic Fallout](#). Robert Lansing Institute, 26 jun. 2025. Acesso em: 23 jul. 2025.

[Serbia seeks new gas deal with Russia at 'best price in Europe'](#). Reuters, 18 jun. 2025. Acesso em: 23 jul. 2025.

Mar Negro em evidência: a utilização da operação “Sea Breeze” como instrumento de presença da OTAN

[NATO ships train with Allies and Partners to reinforce the future of Black Sea security and support Ukraine's naval readiness](#). Allied Maritime Command, 14 jul. 2025. Acesso em 22 jul. 2025.

[U.S. and Romania Strengthen Cooperation during Multinational Maritime Exercise Sea Breeze 2025](#). U.S. Embassy in Romania, 19 jul. 2025. Acesso em: 22 jul. 2025.

Entre armas e memória: os atuais dilemas entre Israel e Alemanha

[Germany must revisit its relationship with Israel](#) Agenda Publica, 12 jun. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.

[Germany to review Israel weapons exports, foreign minister says](#). Político, 30 maio 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.

União Europeia avança na estratégia de *phase out* de hidrocarbonetos russos

[EU adopts 18th package of sanctions against Russia](#) Comissão Europeia, 17 jul. 2025. Acesso em: 23 jul. 2025.

[TurkStream gas pipeline could slow EU, Russia decoupling: Vladimirov](#) Reuters, 07 maio 2025. Acesso em: 23 jul. 2025.

Táticas chinesas na zona cinzenta do Mar Amarelo e seus impactos na segurança regional

[China's Yellow Sea tactics test Korea's national resolve](#). Korea JoongAng Daily, 03. jun. 2025. Acesso: 05 jul. 2025.

[China's navy conducts combat patrols near disputed South China Sea shoal](#). AlJazeera, 31 maio. 2025. Acesso: 05 jul. 2025.

O papel dos metais de terras raras na estratégia da China

FUNK, Josh; TANG, Didi. [China grants rare earth export permits after US trade talks, offers relief but uncertainty persists](#). AP News, 12 jun. 2025. Acesso em: 05 jul. 2025.

LIU, John; MCCARTHY, Simone. [US, China formalize deal on rare earth shipments in trade breakthrough](#). CNN, 27 jun. 2025. Acesso em: 05 jul. 2025.

Indonésia: entre demandas do presente e do futuro

[Comparação do Scorpene Evolved com outros submarinos](#). Poder Naval, 02 abr. 2024. Acesso: 05 jul. 2025.

MALUFTI, Fauzan. [Latest on Indonesia's Scorpene and plan to acquire four more submarines](#). Naval News, 05 maio 2024. Acesso: 05 jul. 2025.

Entre drones e disputas: Manila se rearma

LARIOS, Aaron-Matthew. [Sea Machines implanta SELKIE USV nas Filipinas](#). Naval News, 25 jun. 2025. Acesso em: 26 jul. 2025.

LARIOS, Aaron-Matthew. [EUA construirão base de lancha rápida nas Filipinas perto de pontos críticos no Mar da China Meridional](#). USNI News, 14 jul. 2025. Acesso em: 26 jul. 2025

Escalada Armamentista: o dilema entre dependência e autonomia estratégica no setor de Defesa

[Guns and Growth: The Economic Consequences of Surging Defense Spending](#). Kiel Institute for Global Economy, 14 fev. 2025. Acesso em: 25 jul. 2025

[Unprecedented rise in global military expenditure as European and Middle East spending surges](#). SIPRI, 28 abr. 2025. Acesso em: 25 jul. 2025

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

Os valores em moeda expressos neste Boletim estão padronizados em Dólar Estadunidense, utilizando a conversão do Banco Central do Brasil, no dia da publicação desta edição.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

► ALTO RISCO:

•HAITI - Conflitos internos: [Haiti sends 150 soldiers to Mexico for training as gang violence surges](#) **The Haitian Times**, 27 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.

•IÊMEN - Crise estrutural e regional: Yemen: [Houthis' Attacks on Cargo Ships Apparent War Crimes](#) **Human Rights Watch**, 23 jul. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.

•IRÃ - Instabilidade regional: [Iran ready for war with Israel, will not halt nuclear programme](#) **Al Jazeera**, 23 jul. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.

•ISRAEL - Conflito regional: [At least 65 killed in Gaza attacks as Israel sends tanks into Deir el-Balah](#) **Al Jazeera**, 21 jul. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.

•LÍBANO - Crise estrutural: [Israeli official says Hezbollah 'military commanders' to be targeted across Lebanon](#) **Naharnet**, 29 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.

•MAR VERMELHO - Ataque a embarcações: [Greece to send salvage ship to Red Sea after latest Houthi attacks](#) **Reuters**, 24 jul. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.

•MIANMAR - Conflito interno: [Myanmar: Arakan Army Oppresses Rohingya Muslims](#). **Human Rights Watch**, 28 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.

•REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [At least 38 killed in church attack in eastern DR Congo](#). **Al Jazeera**, 27 jul 2025. Acesso em: 29 jun 2025.

•RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Russia seeking to create 'buffer zones' in Ukraine, says Kremlin](#) **Al Jazeera**, 24 jul. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.

•SÍRIA - Crise regional: [Syria asks Turkey for defence support after sectarian clashes, officials in Ankara say](#) **Euronews**, 24 jul. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.

•SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia donors losing faith as Al-Shabab surges](#). **Arab News**, 23 jul 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.

•SUDÃO - Conflito interno: [Why Sudan's RSF chose this parallel government ahead of peace talks](#). **Al Jazeera**, 28 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.

•VENEZUELA - Crise sociopolítica: [Venezuela: Political Persecution a Year After Elections](#) **Human Rights Watch**, 28 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.

► MÉDIO RISCO:

•BOLÍVIA - Crise sociopolítica: [To Escape Economic Crisis, Bolivia Has a Painful Road Ahead](#) **Americas Quarterly**, 24 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.

•BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Alino Faso : qui était-il et que sait-on de sa mort ?](#). **BBC**, 28 jul 2025. Acesso em: 29 jul 2025.

•CAMBOJA E TAILÂNDIA - Conflito fronteiriço: [Thailand, Cambodia agree to 'unconditional' ceasefire](#). **South China Morning Post**, 28 jul. de 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.

- COLÔMBIA - Instabilidade sociopolítica: [Despite Colombia's Progress in Peacebuilding, Communities, Ex-Combatants, Political, Social Leaders Remain Under Threat, Special Representative Tells Security Council](#) **Reliefweb**, 21 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- GUIANA E VENEZUELA - Disputa regional: [Tropas do Exército marcham para fronteira com a Venezuela para simular combate, testar prontidão e mostrar poder](#) **Revista Sociedade Militar**, 28 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- GUINÉ - Crise sociopolítica: Dakar : [Bangaly Steve Touré, le DGA du FIM Mobilise les Guinéens en Soutien au Président Mamadi Doumbouya](#). **Mosaïqueguinee**, 29 jul 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- IRAQUE - Crise regional: [Gunfight in Baghdad kills one as paramilitary group storms ministry](#) **Al Jazeera**, 29 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- MALI - Crise sociopolítica: [HRW accuses Mali armed forces of executing and disappearing Fulani men](#). **Al Jazeera**, 23 jul 2025. Acesso em: 29 jul 2025.
- MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Chinese envoy to UN rejects US' groundless accusations against China over the South China Sea issue](#). **Global Times**, 23 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: At least 26 people murdered by terrorists in June. Club of Mozambique](#), 25 jul 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: Nicaragua: [organizaciones y víctimas denuncian ante la CIDH nuevos patrones de represión](#). **FIDH**, 29 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- NÍGER - Crise sociopolítica: [The United States suspends visa processing at embassy in Niger citing 'concerns'](#). **RFI**, 28 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- NIGÉRIA - Instabilidade interna: [Nigeria faces hunger crisis as food needs rise across west and central Africa, UN says](#). **AP News**. 24 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- EM MONITORAMENTO:
- AFEGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Torture, threats and arbitrary arrests: UN warns of 'serious abuses' against Afghans forced to return](#). **UN News**, 24 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Instabilidade regional: [While a U.S.-brokered peace between Armenia and Azerbaijan is welcome in principle, the current proposal ignores too many regional complexities](#). **Aravot**, 24 jul. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.
- BANGLADESH - Instabilidade sociopolítica: [‘Shoot them’: Sheikh Hasina ordered firing on Bangladesh protesters in 2024](#). **AlJazeera**, 24 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- BELARUS - Instabilidade regional: [Belarus threatens to shift Zapad-2025 military drills closer to NATO border](#) **The Kyiv Independet**, 23 jul. 2025. Acesso em: 24 jul. 2025.
- EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [‘Hell on Earth’: Venezuelans deported to El Salvador mega-prison tell of brutal abuse](#) **NPR**, 27 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Ecuador's Security Crisis and the Vanishing Allure of Foreign Investment: A Cautionary Tale for Emerging Markets](#) **AInvest**, 28 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- ETIÓPIA - Instabilidade interna: [“All the signals are there”: UN warns Gaza near famine; compares disaster to Biafra, Ethiopia starvations](#). **Times of India**. 29 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- PENÍNSULA COREANA - Instabilidade regional: [Why North Korea issued twin nuclear warnings to US, South Korea](#). **South China Morning Post**, 28 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- SELVA DE DARIÉN - Instabilidade migratória: [‘Welcome to hell’: Freed migrants tell of horrors in Salvadoran jail](#). **France24**, 27 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- SENEGAL - Instabilidade sociopolítica: [Investigation into the 80 deaths: What will really hinder the case of political violence](#) . **Senenews**, 29 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- SUDÃO DO SUL - Instabilidade regional: [South Sudan: An extreme public health crisis persists on the Sobat River-Corridor \(July 2025\)](#). **ReliefPost**, 25 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.
- TAIWAN - Disputas regionais: [Voters in Taiwan reject bid to oust China-friendly lawmakers in closely watched poll](#). **CNN**, 26 jul. 2025. Acesso em: 29 jul. 2025.